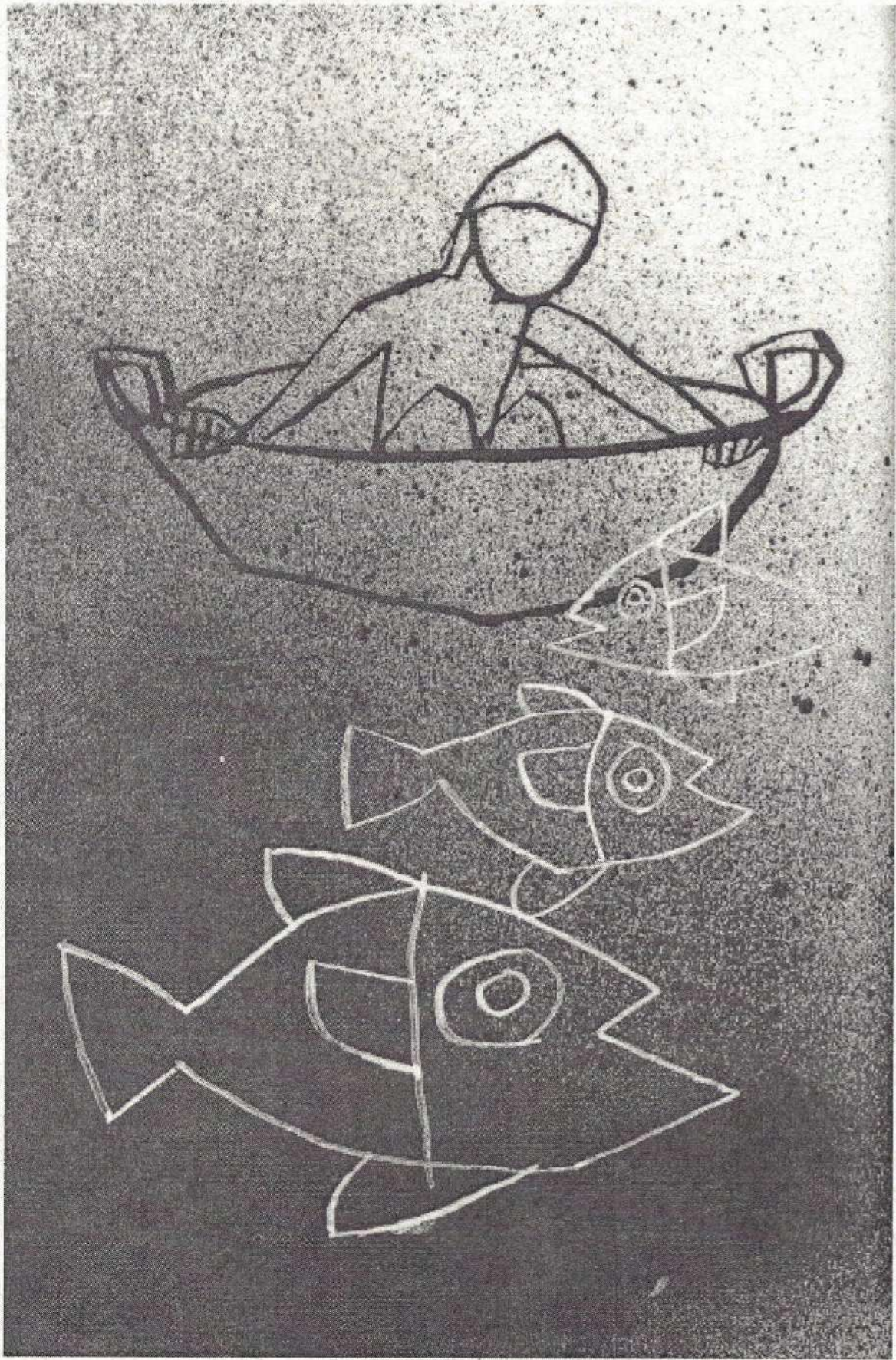




As águas turvas da terceira margem: o trágico em “A terceira margem do rio”¹

Elissandro L. Araújo*

Dentre as muitas facetas da ficção roseana empreende-se uma leitura que aproxima a obra de Guimarães Rosa de temas relativos ao trágico, tanto à concepção clássica da tragédia, germen da temática, como ao pensamento filosófico moderno que projeta o palco ático para uma dimensão mais universal da condição do homem. No corpo dos contos roseanos encontram-se sinais referentes aos mitos gregos, fôlego vital da tragédia, segundo Aristóteles na *Poética*: “... o mito é o princípio e como que a alma da tragédia”². Enredados numa trama de fatos que aponta ao pensamento moderno a caracterização do cerne das personagens e das narrativas dramáticas. Enquanto o senso estético acusa nos contos do autor mineiro elementos próximos às tragédias gregas é à filosofia moderna que compete traçar o perfil trágico das histórias, revelando a habilidade do autor em explorar o potencial da ficcionalidade literária.

Na obra *Primeiras histórias*, o conto “A terceira margem do rio” é uma das histórias na qual observam-se alguns aspectos relativos ao trágico: a estrutura narrativa se aproxima da técnica artística da tragédia grega analisada por Aristóteles, na *Poética*; as personagens centrais da história, pai e filho, encenam afinidades à concepção dramaturgica dos tragediógrafos gregos; e a natureza funesta das situações em que se vêm envolvidas, o palco do drama, o núcleo sinistro mesmo de cada um, é assinalado pelo pensamento moderno sobre o trágico. Porém, antes de enveredar pelos temas propostos, é necessário conhecer a trama de fatos da qual o trágico surge, o enredo da história.

O enredo de “A terceira margem do rio” parte da história de um pai que decide abandonar a família e a comunidade ribeirinha onde mora e viver dentro de uma canoa no meio do rio, nem numa margem nem noutra. O relato é feito pelo filho dessa perso-

* Voluntário PIBIC no projeto “Estudos Estéticos-recepcionais acerca da Literatura em Língua Portuguesa: Guimarães Rosa” (EELLIP).

¹ Comunicação apresentada ao XIII Fórum Paraense de Letras da Universidade da Amazônia – UNAMA.

² ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 449.

nagem quando rememora o acontecido para um interlocutor inominado, descrevendo as reações dos vizinhos e conhecidos, aturdidos pela atitude descabida e inesperada devido à natureza que o pai apresentava, e a reação da família que tenta dissuadi-lo da decisão, para isso, emprega os mais variados meios desde da coerção religiosa e autoritária até o apelo afetivo, quando a irmã tem um filho e deseja apresentar o neto ao avô:

Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi um dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia-nos braços a criancinha (...). A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos abraçados³.

Esta é a tentativa derradeira da família, após o sucedido no barranco, os familiares dispersam-se e sobra o filho que permanece na margem do rio. O foco da narração dirige-se ao relato da experiência vivida pelo narrador que o faz intercalar a narrativa com indagações, que refletem seu estado de espírito. Já com alguns cabelos brancos, o filho-narrador, após anos procurando a razão do feito de seu pai, toma disposição e decide substituí-lo na canoa, na terceira margem. Mas, no momento decisivo, é impelido por um medo instintivo, pois o pai lhe parece vir de outra dimensão, e foge desatinado daquela visão fantasmagórica que vem na sua direção:

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão. (PE, p. 37).

O conto finaliza com o desalento do narrador após o episódio, depois do acontecido não houve notícias de outra aparição do pai, e o último desejo que ele expressa é redimir-se no final da vida da falha que cometeu; então, não quer ser enterrado em cova rasa de terra e pede que o ponham numa canoa ao sabor do curso do rio:

Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio. (PE, p. 37).

Antes de uma análise dos aspectos trágicos das personagens mais enfáticas do conto, o pai e o filho, e de uma leitura trágica sobre a experiência do filho-narrador e da atitude do pai, é válido observar o tecido narrativo em que estas personagens são vestidas. O enredo do conto "A terceira margem do rio" apresenta pontos de contato com características da tragédia ática alçadas por Aristóteles na *Poética*. Um primeiro ponto reside na unidade narrativa do enredo, configurado num relato rememorativo, sem mais digressões literárias, a trama desenvolve-se no ritmo das ações praticadas pelas personagens. Sendo o modo de agir que determina o destino, no sentido que evoca o desenlace da estória, e disposição interior do estado de espírito de cada uma. Nas palavras de Aristóteles, a finalidade da tragédia consiste na imitação de ações e no caráter feliz ou infeliz do desfecho das mesmas, pois a vida é uma ação e não uma qualidade.

³ ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. p. 35. Todas as citações seguintes se referem a esta edição.

Porém o elemento mais importante é a trama dos fatos, pois a tragédia não é a imitação de homens, mas de ações e de vida, de felicidade [e infelicidade; mas felicidade] ou infelicidade, reside na ação, e a própria finalidade da vida é uma ação, não uma qualidade. Ora, os homens possuem tal ou qual qualidade conformemente ao caráter, mas são bem ou mal aventurados pelas ações que praticam⁴.



As mesmas ações que norteiam o destino das figuras dramáticas funcionam como indicadores de seu caráter. Em “A terceira margem do rio”, à medida que o drama se desenvolve, o leitor, conhece as personagens menos por um desvelamento do ser e seus fantasmas interiores do que pelo modo de agir característico de cada uma. Na *Poética*, o sábio estagirita defende a coerência dramática: “ainda que a personagem a representar não seja coerente, é necessário, todavia, que [no drama] ela seja incoerente coerentemente”⁵. No conto, por mais que as atitudes sejam vistas como desatinadas no caso do pai, todos assumem as posições que concernem ao seu caráter e modo de enxergar a vida. Outro elemento que permite o paralelo entre o conto do autor mineiro e a arte cênica da tragédia, é a delimitação espacial onde se desenvolve a ação: o rio é o palco de todo o drama, é o denominador comum de toda a narrativa, local de origem e término da estória, assim, afigura-se como cena trágica onde se manifesta o signo patético das personagens.

O seio da família recebe um baque, o pai da casa resolve tomar uma atitude de parecer sério, pois não era afeito a gracejos, toma a canoa e se dirige para o rio. Silêncio. Ele não parece se ir. O pai fica no meio do rio, em lugar nenhum, na terceira margem. Lélia Parreira Duarte analisa a presença da terceira margem nos textos roseanos, como um espaço instável e imprevisível, desabonado de certezas absolutas. No conto “A terceira margem do rio”, a autora, assinala a capacidade especial do pai para atingir seu intuito:

A terceira margem seria portanto o lugar da insegurança, da instabilidade, da imprevisibilidade e do não pragmatismo, (...) sendo necessário para atingi-la a coragem total, a capacidade de desligar-se de todas as certezas e convicções, de todo apoio que podem fornecer as leis da cultura, para lançar-se numa aventura sem ponto de apoio e sem volta. Parece ser essa coragem a que tem o pai do personagem-narrador do conto “A terceira margem do rio”, de *Primeiras estórias*⁶.

Para uma leitura trágica da personagem pai, a “coragem total” que o capacita a alcançar a terceira margem é a origem da violência contra os laços que o conciliam com a margem real. De forma análoga, esta capacidade de “desligar-se de todas as certezas e convicções” é próxima da *hybris* na tradição mítica grega. Na cultura helênica, as forças que constrangiam o mortal eram representadas pelo destino, preconizado pelos poderosos oráculos, e pela vontade arbitrária dos deuses. Alguma característica do homem que se torne mais exacerbada em determinado momento, como a coragem desmedida impulsionando o pai, eleva-o ao limite de sua medida e, neste momento, ocorre a violência contra os limites da mortalidade, assemelhando-se, então, o homem aos deuses. A *hybris* significa o brado contra os limites da liberdade e potência humana, a afirmação do indivíduo enquanto ser potente, capaz, único.

Albin Lesky, analisando o cerne da criação artística de Sófocles ressalta o fundamento da concepção de trágico que encontramos nas obras do tragediógrafo, a qual consiste na tensão entre a autoridade de forças divinas e a vontade do homem de lhes desobedecer, lutando:

⁴ ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 448.

⁵ *Idem, ibidem*, p. 456.

⁶ DUARTE, Lélia Parreira. “Não já e ainda não: a leveza do humor em Guimarães Rosa” In: *Outras Margens: estudos da obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Autêntica/Puc Minas, 2001. p. 104.

Mas a verdadeira tragédia se origina da tensão entre as incontrolláveis forças obscuras a que o homem está abandonado, e a vontade deste para se lhes opor, lutando. Essa luta é em geral sem esperança, afundando, mesmo, o herói cada vez mais nas malhas do sofrimento, e muitas vezes até ao naufrágio total. Todavia, combater o destino até o fim é o imperativo da existência humana que não se rende. O mundo dos que se resignam, dos que se esquivam à escolha decidida, constitui o fundo diante do qual se ergue o herói trágico, que opõe sua vontade inquebrantável à prepotência do todo e, inclusive na morte, conserva íntegra a dignidade da grandeza humana⁷.

De forma semelhante, à aspiração do pai de permanecer na terceira margem impõe-se as tentativas de demovê-lo da decisão. A “vontade inquebrantável” enfrenta as intempéries da natureza, quando aconteciam as enchentes, e todas as tantas vezes relatadas no conto que tentaram, conhecidos e familiares, compreender ou agir sobre a decisão da personagem. A personagem do pai ergue-se como herói trágico da tensão entre o real e a terceira margem, espaço inabsoluto, signo da individuação do homem como prefácio à experiência de vida e reflexão sobre o microcosmo e o universo.

A narrativa de “A terceira margem do rio” caracteriza-se pelo tom memorial, é o garoto que ficara na margem observando e cuidando do pai que relata a estória a um interlocutor inominado. Adelaide Caramuru Cézar, observa a relação entre o discurso do filho-narrador com a natureza trágica desta personagem:

O narrador conta experiência vivida a partir de sua especificidade no presente da enunciação que, no caso do conto, apresenta-se como ser trágico, dado o dilaceramento interior que o experimentado lhe impôs⁸.

Depois de muitos anos, sozinho, já com alguns cabelos brancos, o filho resolve tomar o lugar do pai na terceira margem. Mas, no instante derradeiro, ele não é capaz de realizar seu intuito⁹ e dar procedimento ao incomum legado da terceira margem. Walnice Nogueira Galvão, identifica a terceira margem como uma alegoria do autor mineiro para a morte: “A terceira margem fica para lá do mistério da morte, da morte de cada um, que cada um tem que viver e que nunca ninguém contou como é¹⁰”. Sendo assim, a exigência para a travessia à terceira margem é uma espécie de morte, desligar-se e todos os valores e laços afetivos e sociais que remetem o homem ao real.

Quando o filho recusa-se a enveredar por uma experiência desta natureza, se aproxima do que Unamuno afirma em *El sentimiento trágico de la vida*. Para o filósofo, a condição trágica do homem reside no fato de querer permanecer vivo e estar ligado às coisas terrenas, abstendo-se de qualquer transcendência.

Porém, o cerne trágico da personagem é antes revelado pelo *conflicto inconciliável* apontado por Goethe como o principal elemento de uma matéria que se apresente trágica, o livro de Albin Lesky cita as palavras do artista:

Qualquer tentativa para determinar a essência do trágico deve necessariamente partir das palavras que, a 6 de junho de 1824, disse Goethe ao Chanceler von Muller: “Todo trágico se baseia numa contradição inconciliável. Tão logo aparece ou se torna possível uma acomodação, desaparece o trágico¹⁰¹”.

⁷ LESKY, Albin. *A Tragédia Grega*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 165.

⁸ CÉZAR, Adelaide Caramuru. “O Trágico em ‘A terceira margem do rio’”, de João Guimarães Rosa” In: SANTOS, Volnei Edson dos (org). *O Trágico e seus traços*. Londrina: Ed. UEL, 2002. p. 92.

⁹ GALVÃO, Walnice Nogueira. Do lado de cá. In: *Mitologia brasileira*. São Paulo: Ática, 2002. p. 370.

¹⁰ LESKY, Albin. *A Tragédia Grega*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 31.

O *conflito inconciliável* na personagem filho reside na incapacidade deste de assumir o lugar do pai, frustrando suas expectativas baseadas nos valores patriarcais arraigados no seu ser. O conflito desenrola-se entre o que deveria ter feito e o que não fez; a vontade do filho de não se escusar dos elementos terrenos é inconciliável com a transcendência e isolamento que a terceira margem exige. A fatídica experiência transforma-o no herói trágico dilacerado pelo desfecho de sua sina.



Dado o dilaceramento que a experiência do filho-narrador promoveu, da expiação por sua falha no momento decisivo pode-se estabelecer uma proximidade com a dramaturgia de Ésquilo. Lesky assinala a principal característica da concepção dramática do tragediógrafo: “Ésquilo nos mostra o homem completamente inserido na ordem divina do mundo, que nele se cumpre por meio da expressão de ação e sofrimento, sofrimento e compreensão¹¹”. Tal qual, a máxima proferida pelas personagens esquilianas: “O sofrimento é a melhor lição”. O filho-narrador resigna-se a expiar sua culpa ao relatar a estória; os sofrimentos pelos quais passou e, principalmente, o estado trágico de seu espírito o levam a compreender a dimensão de suas ações, exatamente, quando indaga: “Sou homem, depois desse falimento?” (PE, p. 37). Mas, já é tarde para voltar atrás, então, delega aos outros que no fim de sua vida o lancem ao sabor da correnteza de um rio, assim, de forma meenos nobre, iguala-se ao pai.

Em suma, ambas as personagens são vivas representações de naturezas trágicas diferentes. Um destaca-se pela voracidade e determinação com que realiza a travessia à terceira margem, como o herói trágico que enfrenta sua sina, outro se revela covarde e dubio diante da enigmática travessia e dilacerado pela frustrante experiência torna-se o avesso da soberba personagem heróica representada pelo pai.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 1014p.

ALBERGARIA, Consuelo. “O sentido do trágico em ‘A terceira margem do rio’”. In: COUTINHO, Eduardo (Org). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 520-526.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1973.

CÉZAR, Adelaide Caramuru. “O Trágico em ‘A terceira margem do rio’, de João Guimarães Rosa” In: SANTOS, Volnei Edson dos (Org). **O trágico e seus traços**. Londrina: Ed. UEL, 2002. p. 91-105.

DUARTE Lélia Parreira. “Não já e ainda não: a leveza do humor em Guimarães Rosa” In: **Outras margens: estudos da obra de Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Autêntica/Puc Minas, 2001.p. 99-116.

GALVÃO, Walnice Nogueira. “Do lado de cá” In: **Mitológica rosiana**. São Paulo: Ática, 1978. p. 37-40.

LESKY, Albin. **A tragédia grega**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**, 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 165.